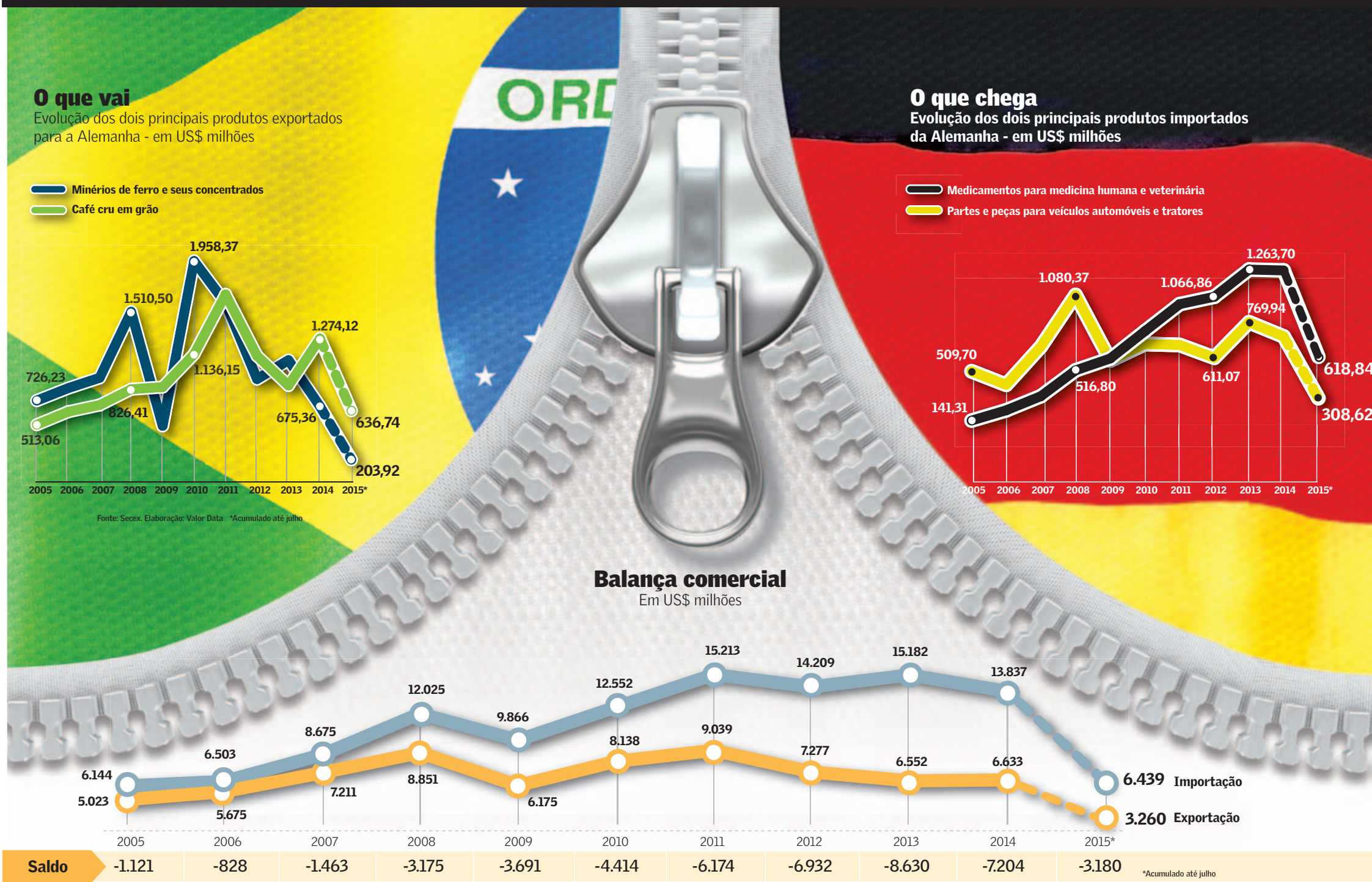


Valor

Especial Brasil - Alemanha

Angela Merkel: objetividade é marca de atuação na cena internacional F2



Agenda pragmática

A chanceler alemã Angela Merkel, que inicia hoje uma curta visita ao Brasil, e a presidente Dilma Rousseff devem assinar 12 acordos, com ênfase na questão climática. Por Daniel Rittner, de Brasília

urbana e energias renováveis, além de uma doação de € 23 milhões para o projeto de regularização ambiental de imóveis rurais na Amazônia, também estão previstos.

Em paralelo à agenda bilateral, o encontro é uma tentativa dos dois países de acertar os pontos em temas multilaterais. Às vésperas da COP-21, a conferência internacional que buscará fechar em dezembro um novo acordo para enfrentar as mudanças climáticas, Dilma e Merkel querem marcar posição em torno de compromissos usados no combate ao aquecimento global.

A reforma das Nações Unidas, em que Brasil e Alemanha reivindicam um assento permanente no conselho de segurança, e o direito à privacidade na internet também serão objeto de conversas. "Os alemães nos veem como a nação emergente mais próxima de seus ideais e visões de mundo", define o diretor do Departamento de Europa do Itamaraty, Oswaldo Biato, um dos principais responsáveis pela organização da visita.

Talvez a melhor medida da importância dada por Merkel às relações com o Brasil esteja no tamanho de sua comitiva. Ela trará mais de dez ministros ou vice-ministros para reuniões com seus colegas brasileiros. Em pleno agravamento da crise política e com previsões de uma queda de até 2% no PIB de 2015, a dama de ferro europeia fez questão de manter sua visita ao país, mesmo tendo recebido sinais diplomáticos de que o Planalto entenderia um eventual adiamento.

"Com ou sem crise, tendo um governo de direita ou de esquerda, o Brasil é altamente relevante e a Alemanha pretende demonstrar com serenidade sua intenção de reforçar essa parceria", afirma Felix Dane, chefe do escritório brasileiro da Fundação Konrad Adenauer, um centro de estudos ligado ao CDU, o partido demo-

Willkommen

Declarações e acordos que serão assinados por Dilma e Merkel

- Inovação industrial**
Uma cooperação entre a Embrapip e a Sociedade Fraunhofer permitirá às empresas brasileiras que tenham projetos de P&D voltados à indústria usufruir da expertise e do apoio alemães
- Terras raras**
Promoção de pesquisa conjunta, intercâmbio de informações, desenvolvimento e implantação de tecnologias sustentáveis para o fornecimento de terras raras (matérias primas de importância estratégica)
- Pesquisa marinha**
Cooperação entre o Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação e o Instituto Geomar, de Kiel, para observação oceânica do Atlântico Meridional e Tropical
- Torre Alta da Amazônia**
Observatório de 325 metros de altura em Uatumã (AM), que vai monitorar os efeitos das mudanças climáticas na floresta amazônica, terá cooperação e apoio financeiro alemão renovados
- Popularização da ciência**
Iniciativa bilateral promoveu a exposição Túnel da Ciência em 2014, em São Paulo, que pode ser repetida com estrutura itinerante por várias cidades do Brasil
- Medicamentos**
Em parceria da Anvisa com o Ministério da Saúde da Alemanha, haverá facilitação no registro e certificação de produtos médicos
- Cadastro rural único**
Para ajudar no combate ao desmatamento, Alemanha doará € 23 milhões para aprimorar e desenvolver o cadastramento de imóveis rurais
- Energias renováveis e mobilidade urbana**
Financiamento alemão em torno de US\$ 500 milhões, via Caixa Econômica Federal e BNDES, para projetos de mobilidade e instalação de painéis solares em habitações populares do programa Minha Casa, Minha Vida
- Planejamento urbano**
Convênio entre o Ministério das Cidades e o Ministério do Desenvolvimento e Cooperação Econômica da Alemanha nas áreas de habitação, mobilidade e tratamento de resíduos

Fonte: Ministério das Relações Exteriores, Ministério do Desenvolvimento, Ministério da Ciência e Tecnologia

crata-cristão, que tem em Merkel sua principal liderança.

Ao contrário de autoridades americanas e chinesas, que vieram a Brasília como escala de périplos mais amplos pela América Latina, a chanceler alemã pegará um avião para ficar menos de 24 horas do lado de cá do Atlântico. Ela chega hoje à noite. Essa será a primeira reunião do mecanismo de consultas intergovernamentais de alto nível. Trata-se de um arranjo que a Alemanha tem com poucos parceiros — França, Itália, Israel, Polônia, Espanha, Holanda, Rússia, China e Índia — e foi celebrado com o Brasil em janeiro de 2013.

Para quebrar o gelo, as duas chefes de governo mais poderosas do planeta têm assuntos de sobra. A goleada de 7 a 1 é pauta quase inevitável. Merkel, uma fanática por futebol que esteve duas vezes no Brasil para a Copa do Mundo, já convidou auxiliares de Dilma para ir à Alemanha somente com o objetivo de assistir aos jogos da Bundesliga. Outro ponto em comum são os regimes alimentares: a chanceler alemã, depois de ter fraturado a bacia em um acidente de esqui, perdeu dez quilos trocando salchichas e pães por uma alimentação rica em frutas e vegetais. Hoje é viciada em cenouras e

pimentões fatiados para enganar a fome. Dilma, como se sabe, tornou-se adepta da dieta Ravenna e de pedaladas.

Depois das amenidades, elas têm uma lista robusta de declarações e memorandos de entendimentos para assinar. O BNDES receberá € 265 milhões do banco de fomento KfW para financiar sistemas de transporte público eficientes e sustentáveis. Cinco novos acordos envolvem o Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). "A nossa trajetória é de relações ousadas e ambiciosas", enfatiza o ministro Aldo Rebelo. Animado com a perspectiva dos convênios, ele faz uma comparação: "Algumas empresas alemãs são mais antigas no Brasil do que as nossas próprias instituições ou os nossos clubes de futebol".

O Instituto Geomar, de Kiel, fará intercâmbio de dados e promoverá pesquisas marinhas com o Brasil. A ideia é aproveitar o conhecimento do instituto com a observação oceânica no Atlântico Norte. Um acordo de cooperação vai estimular parcerias para a identificação de oportunidades para exploração de terras raras no país. Os alemães querem reduzir a dependência da China no fornecimento dos metais. No sábado, está prevista a inauguração da Torre Alta da Amazônia, um observatório de 325 metros em Uatumã (AM) que vai monitorar o efeito das mudanças climáticas nas florestas tropicais. O projeto teve financiamento germânico e um novo compromisso deve ser celebrado.

"Essa visita não trará anúncios surpreendentes, nem cifras bilionárias, mas mostra exatamente como a Alemanha trabalha de forma muito sistemática e com visão de longo prazo", afirma Roberto Abdenur, embaixador em Berlim e membro do conselho curador do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri). Ele diz esperar um sinal de engajamen-

to nas negociações de um acordo de livre comércio entre o Mercosul e a União Europeia. Merkel tem condições, na sua avaliação, de influenciar positivamente os sócios na UE.

Nenhum ponto da agenda talvez seja tão importante, sob o ponto de vista alemão, quanto a agenda climática. O tema será alvo de uma declaração conjunta à parte. Trata-se de uma área em que a Alemanha, na liderança pela redução das emissões de gases-estufa, tenta exercer protagonismo mundial.

A comitiva de Merkel anunciará financiamento para a instalação de painéis solares em habitações populares do programa Minha Casa, Minha Vida, e fará uma doação de € 54 milhões — recursos divididos entre um aporte no Fundo Amazônia e apoio ao cadastro ambiental rural. Acima de tudo: busca-se consolidar o Brasil, por sua liderança entre os emergentes, como uma "ponte" para o diálogo Norte-Sul em temas globais, principalmente na COP-21, que ocorrerá em Paris.

Tudo bem, mas seria ainda melhor se o Brasil não estivesse adotando medidas incoerentes com essa imagem de liderança, segundo o coordenador da campanha de clima do Greenpeace Brasil, Pedro Telles. O crescimento das emissões oriundas do transporte individual, o uso massivo de usinas térmicas movidas a combustíveis fósseis e a demora em zerrar o desmatamento ilegal jogam contra esse legado.

Telles aponta um retrocesso em aspectos centrais da agenda ambiental. "Nos oito anos de governo Lula, houve a criação de 60 mil km² de unidades de conservação e 111 mil km² de terras indígenas. Essa é uma forma comprovadamente eficaz de conter o avanço do desmatamento", ressalta o ativista. Nos quatro anos e meio de governo Dilma, foram 8 mil km² de unidades de conservação e 3 mil km² de terras indígenas.